

Notas sobre Hallstatt

Maria do Carmo M. P. de Pontes e Kiki Mazzucchelli

Sussurros chineses

Em seu projeto de graduação¹ na Academia de Design de Eindhoven, a designer Jing He realizou uma pesquisa na qual se perguntava se o design chinês teria uma identidade específica. Tomando como exemplos desde a produção de artigos falsificados até as réplicas de famosos edifícios ocidentais nos empreendimentos imobiliários recentes no país, He concluiu que o design chinês não possui uma identidade “pura”, argumentando que sua especificidade se desenvolveu a partir de processos de reprodutibilidade e cópia calcados numa longa história de trocas comerciais e culturais entre a China e o Ocidente.

Em 221AC, Qin Shi Huang (259AC – 210AC) estabeleceu o primeiro império centralizado da história da China. Embora seja mais conhecido por ter comissionado o Exército de Terracota para seu grandioso mausoléu, o imperador encomendou ainda réplicas dos palácios de todas as províncias que conquistou. Na China contemporânea, as réplicas de casas e edifícios ocidentais são um elemento recorrente nos novos empreendimentos imobiliários. Um artigo recente publicado pela BBC Magazine² descreve em detalhe o Condomínio Thames Town, no distrito de Songjiang, cuja arquitetura replica o estilo das pequenas cidades do interior britânico: ruas de paralelepípedo, casas no estilo Tudor e até mesmo uma estátua de Winston Churchill. Thames Town integra o programa *One City, Nine Towns* que criou um aglomerado de cidades satélite nos subúrbios de Xangai, cada uma parodiando um estilo internacional diferente. Em outras partes da China, há uma réplica da Torre Eiffel, uma cópia da Tower Bridge e até mesmo uma reprodução de Stonehenge. Mas foi em 2012, com Hallstatt, que pela primeira vez os chineses replicaram uma cidade inteira.

Segundo Bianca Bosker, autora do estudo *Original Copies: Architectural Mimicry in Contemporary China* (Cópias originais: mimetismo arquitetônico na China contemporânea, 2013), os chineses consideram a cópia como uma forma de maestria. Assim, diferente do que acontece nas sociedades ocidentais, o ato de copiar não é visto como algo a ser desprezado mas estimulado. Jing He conta que cresceu escutando fitas cassete e CDs piratas, antes da era do download. Segundo He, o “baixo preço era atraente e era difícil encontrar produtos legítimos na minha cidade nos anos 1990. Um dos maiores problemas da pirataria é, claro, a questão dos direitos autorais. O crescimento econômico na China foi causado, em grande parte, por uma significativa ausência de leis de direito autoral.³” Ainda hoje, os chineses parecem ter uma percepção diversa sobre o seu significado. Um dos maiores exemplos disto é a popularidade do Taobao – portal de compras similar a Amazon – que figura entre os cinco sites mais acessados na China e que, em dezembro de 2016, foi adicionado pelo US Trade Representative Office a uma lista negra de mercados notórios pela venda de produtos falsificados e violação de propriedade intelectual.⁴

E Deus criou o homem à sua imagem e semelhança

Há diferentes versões para o mito de Narciso, mas todas giram em torno do fascínio do jovem pela própria imagem. Dotado de uma beleza extraordinária, Narciso era filho de Cefiso, deus dos lagos, e da ninfa Liríope. Indiferente e até avesso às investidas de mulheres, homens, ninfas e afins, ele dedicava seus dias à caça. Certa vez, cansado de caçar, ele parou num riacho para beber água e assim se deparou com sua imagem refletida. Narciso se apaixonou perdidamente por si mesmo, e dali em diante não conseguiu deixar seu reflexo por motivo algum. Perdeu a fome, a

¹ http://www.roehrsboetsch.com/fileadmin/user_upload/1_Artist/Jing_He/Jing-He-Tulip-Pyramid-Publication.pdf

² <http://www.bbc.co.uk/news/magazine-23067082>

³ *Idem*, p.17

⁴ <http://fortune.com/2016/12/21/u-s-returns-chinas-taobao-shopping-website-to-market-blacklist/>

gana de caçar, o instinto de viver, mas apesar de todas as suas tentativas, a figura não reciprocava o seu afeto. Finalmente, definiu ali mesmo – ou suicidou-se, dependendo da narrativa –, tendo falhado em identificar que a imagem era simulacro.

O décimo-sexto presidente dos Estados Unidos Abraham Lincoln (1809 – 1865) – figura recorrente nas encarnações mediúnicas, conforme Candice Lin⁵ – afirmou ter encontrado seu *doppelgänger* em mais de uma ocasião. Noah Brooks⁶, que alega ter ouvido a história do próprio Lincoln, conta que a primeira ocorrência foi em 1860, logo após ele ter sido eleito presidente. Lincoln relata que estava sentado no sofá de sua casa, quando viu sua imagem refletida no espelho com duas cabeças. Quando se levantou para averiguar, a ilusão desapareceu; ao sentar-se novamente, lá estava ela. Ele notou ainda que uma das faces estava alguns tons mais pálida que a outra – fato que, também segundo Brooks, teria sido interpretado como um presságio da morte por Mary Todd Lincoln, esposa de Abraham. Alguns dias depois, a aparição o visitou outra vez, também através do espelho.

Um Homem Sério (2009) é o primeiro filme em que os irmãos Coen abordam diretamente o judaísmo, tópico que informa várias de suas obras. Com contornos auto-referenciais, o prólogo da narrativa se passa em uma *shtetl* no leste europeu durante um inverno brutal no século XIX. Tendo chegado tarde em casa, um homem explica à sua mulher que a razão de seu atraso foi uma roda que descarrilhou; felizmente, apesar da hora e do frio, encontrou um passageiro na rua que o ajudou a consertar a carroça. Casualmente, ele comenta que o transeunte é alguém que sua esposa conhece, e a expressão de tédio da mulher rapidamente se transforma em terror, já que o homem em questão havia morrido há alguns anos. “Deus nos amaldiçoou”, ela diz, “o que você viu foi um *Dibbuk*”.

No folclore judeu, *Dibbuks* são espíritos maliciosos que se apossam dos vivos a fim de concluir uma pendência. A figura surgiu durante a Idade Média – note-se, no auge da caça às bruxas no mundo cristão – e popularizou-se sobretudo no leste europeu. A ideia deste *outro* dentro de nós aparece em diversas mitologias como um esforço para se entender o humano e o sobre-humano. Os egípcios acreditavam que a alma é composta por várias partes, sendo o *Ka* um tipo de “duplo” que nos acompanha durante a vida e deixa o corpo após a morte. No folclore nórdico, *Vardøger* é um espírito que precede as pessoas, causando uma espécie de *déjà vu* que pode ser ativado pelo cheiro, voz ou pela própria presença corpórea. Na cultura popular japonesa, *Ikiryōs* são espíritos que saem dos corpos dos vivos para interagirem – grosso modo, assustarem – outras pessoas. E por aí vai. Mas possivelmente o duplo mitológico mais disseminado na cultura ocidental seja Deus, não apenas criado a imagem e semelhança do homem (ou vice-versa) como também presente em todas as coisas do mundo.

Post-truth ou Fatos alternativos

Também da Grécia antiga vem um dos relatos mais disseminados sobre o simulacro. A *Alegoria da Caverna*, escrita por Platão no século IV a. C. – originalmente publicada em seu *República* – transcorre como um diálogo entre Sócrates, mentor de Platão, e seu irmão mais novo, Glauco. Platão descreve uma caverna subterrânea onde, geração após geração, os seres humanos ali aprisionados enxergam apenas as sombras projetadas por uma fogueira nas paredes do antro, que constituem sua única realidade. Essa realidade ilusória, segundo o filósofo, seria análoga ao trabalho dos poetas (e artistas) que, embora nobre, produz mentiras que impedem a percepção da verdade. Caberia portanto aos filósofos, que ocupam um patamar superior ao dos poetas-artífices, o papel de libertar os prisioneiros de sua ilusão, conscientizando-os sobre a verdade da produção dos simulacros poéticos que tomam como realidade. A caverna nada mais é que uma alegoria da própria *pólis*, e portanto o que Platão sugere é que os filósofos, com sua sabedoria, seriam os governantes mais qualificados para guiar o povo.

“Comprei três jornais, e em cada um havia uma verdade. Onde é que está a verdade real?”, reclama uma personagem de *O homem soviético* (2013) de Svetlana Aleksievitch. Ela continua, “Antes você lia o *Pravda* de manhã e ficava sabendo tudo. Entendia tudo”. O choque desta mãe, a caminho da Tchetchênia em busca de notícias do filho soldado que ali lutava durante a primeira guerra na região, em meados dos anos 1990, é revelador de uma grande inquietação contemporânea. Ainda que vinte anos mais tarde a proliferação de câmeras e redes sociais permita uma patrulha – pelo bem ou pelo mal – muito maior da informação, essa mesma proliferação de fontes de conteúdo faz com que o lugar da verdade *platônica* seja cada vez mais difícil de identificar.

Post-truth (pós-verdade, em tradução livre) foi eleita pelo dicionário Oxford a palavra do ano de 2016. É definida como “aquilo que se relaciona com, ou denota circunstâncias em que fatos objetivos tem menos influência

⁵ Ver a colagem *The Hand of an Important Man* (2015), de Candice Lin, apresentada na exposição *Hallstatt*

⁶ Relato presente em seu livro *Washington in Lincoln's Time*, de 1895

na formação de opiniões do que as emoções ou as crenças individuais⁷”. Apesar do termo estar em uso há pelo menos dez anos, adquiriu um protagonismo sem precedentes em 2016, ano marcado por uma extrema polarização política – leia-se Dilma Roussef, Brexit, ascensão da ultra-direita europeia, Donald Trump e tudo mais. De fato, em junho do ano passado, quando o ex-secretário de justiça britânico Michael Gove se recusou a citar algum economista que apoiasse a saída do Reino Unido da União Europeia, seu argumento foi que “as pessoas deste país estão cansadas de especialistas”. Mas há um pós *post-truth* – forte candidato a palavra de 2017 – onde a palavra verdade já nem aparece. Em janeiro deste ano, Kellyanne Conway, conselheira da administração Trump, inaugurou a era dos “fatos alternativos”.

O abandono do lastro da verdade, tanto pela classe política como por grande parte da população, é um fenômeno não apenas recente mas também inédito. Até o final da guerra fria, a crença em dois sistemas divergentes assegurava a manutenção de um vínculo entre sociedade e Estado baseado na ideia de representatividade e defesa dos interesses coletivos. O Estado operava como uma espécie de duplo dessa sociedade: um poder soberano que age *por* ela e *para* ela. Essa noção, que perdurou por mais duas décadas de hegemonia neoliberal após a queda do muro de Berlim, parece ter entrado em colapso a partir da crise de 2008, quando a revelação dos níveis de desregulamentação do mercado financeiro evidenciou a completa quebra do pacto social que garantia a credibilidade do Estado representativo *de facto*.

Em 1936, Roger Callois publicou um ensaio⁸ sobre o chamado “complexo do meio-dia”⁹, no qual recupera diversas mitologias e narrativas pré-modernas que associam esse horário a uma série de moléstias, desde a depressão até a morte. O meio-dia é a hora em que os objetos não projetam sombras e as almas, por sua vez destituídas de seus duplos, se encontram mais vulneráveis. Talvez o que vemos hoje no cenário político global sejam sintomas de um agudo complexo do meio-dia.

⁷ No original, ‘relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief’. Traduzido pelas autoras.

⁸ Na versão em inglês, “The Noon Complex”, publicado em *The Edge of Surrealism. A Roger Callois Reader*. (Durham and London: Duke University Press, 2003)

⁹ *The Noon Complex* (2016) é o título da vídeo-instalação de Amie Siegel, apresentada em *Hallstatt*. O termo é também discutido no vídeo *Genealogies* (2016), no qual Siegel desconstrói as referências que informam a instalação.